



Mediadores públicos: as imagens em destaque¹

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior²

Fabiana Cardoso de Siqueira³

Universidade de Federal de Pernambuco, PE

Resumo

O presente estudo busca compreender as novas relações que se estabelecem entre os jornalistas e os mediadores públicos. Os mediadores públicos são definidos como integrantes da audiência comunicativa e coprodutores das notícias, pois captam e enviam, eventualmente, imagens aos programas de TV. Para se realizar este artigo, foi feito um estudo de caso do Jornal Hoje (JH), da Rede Globo. O objetivo foi compreender, em que contexto (formato, temática, destaque) os jornalistas do JH exibem essas imagens dentro do telejornal. O período escolhido para gravação e análise dos programas foi de 30 de maio de 2011 a 04 de junho de 2011.

Palavras-chave: telejornalismo; mediadores públicos; Jornal Hoje.

Introdução

Entendemos o Jornalismo como uma forma central de conhecimento nas sociedades democráticas. E não é de hoje que os pesquisadores tentam entender de que forma trabalham os profissionais do campo do Jornalismo e como se relacionam com as pessoas que vão receber as notícias produzidas por eles.

Bourdieu (1997) defende que os jornalistas, na lógica de sua profissão, selecionam e enquadram as realidades do cotidiano em função de categorias que lhe são próprias, como resultado da nossa educação, história, cultura e etc “Os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras. Ou seja, estamos tratando aqui de algo central para o Jornalismo Construtivista. Há uma seleção e construção do que é selecionado. Talvez esteja aqui um dos equívocos do olhar dos críticos do Jornalismo Construtivista. Não se trata de afirmar que toda a realidade é uma construção, mas de que a realidade social, sim, é.

¹ Trabalho apresentado no GP de Telejornalismo do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, email: fabiana_s@yahoo.com.

³ Doutor em Comunicação e professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, email: a.vizeu@yahoo.com.br.



Como lembra Meditsch (2010), convém ressaltar também quando afirmamos que o Jornalismo contribui para a construção social da realidade, que essa não é uma ação isolada do campo da produção, mas uma relação intersubjetiva entre o campo da produção e os homens e as mulheres. É uma ação reflexiva (TUCHMANN, 1983; BOURDIEU, WACQUANT, 2005). O Jornalismo atua na construção da realidade, mas é constituído por essa própria realidade. Não existe construção do real se não há uma audiência ativa, interativa, que interpreta e reinterpreta os fatos (BOURDIEU, 2002).

Consideramos importante também refletirmos no Jornalismo a perspectiva apontada por Scolari (2011) sobre a possibilidade de construção de mundos possíveis como um processo coletivo:

Segundo Eco, ao ler um livro ou ver um filme, criamos mundos possíveis, hipóteses que tratam de antecipar a continuação da história. À medida que o relato avança, muitas dessas hipóteses não se verificam e devemos descartá-las. Esse processo é individual, os mundos possíveis são uma construção cognitiva do leitor ou do espectadora, agora se dá um fenômeno diferente: em certos casos, esta construção de hipotéticos se tornou um processo coletivo. Basta terminar a emissão de um episódio de uma série televisiva, para poucos minutos depois, os *fóruns* da web entrem em estado de agitação. Os espectadores discutem o texto que acabaram de ver, analisam suas possíveis continuações e debatem sobre os personagens e a trama do episódio. Ou seja, em muitos casos a construção de mundos possíveis deixou de ser um processo coletivo que se desenvolve nas redes sociais (SCOLARI, p. 130-131, 2011).

A proposta de Scolari (2011) pode trazer importantes contribuições, sem dúvida, para a reflexão do construtivismo do Jornalismo. O Jornalismo tem passado por uma série de mudanças resultantes das novas tecnologias, como, por exemplo, a participação cada vez maior da audiência como coprodutora das notícias, o que se aproxima da construção coletiva sugerida por Scolari (2011).

É importante deixar claro que quando falamos em audiência, neste artigo, não estamos nos referindo ao conceito atrelado ao número de pessoas que assistem a determinado programa, ou seja, às medições quantitativas usadas com finalidade comercial para posterior venda de espaço publicitário nos programas televisivos. Entendemos a audiência, no entanto, como um conjunto de cidadãos, de pessoas de várias profissões que interagem, da sua maneira, com os telejornais. São pessoas que não observam apenas, mas também participam e interagem e que, por conta disso, podem ser denominadas como integrantes da *audiência comunicativa*, fazendo, aqui, uma apropriação da expressão usada por Saperas (1993), que o autor não chegou a definir conceitualmente no seu livro.



A ideia de emissor e receptor, onde um produz e o outro recebe, com papéis fixos, já não pode ser encarada dessa forma. Basta analisar o fenômeno que deu origem a este trabalho para entendermos isso: o envio e o uso de vídeos nos telejornais, encaminhados por pessoas que não são cinegrafistas profissionais das emissoras, nem trabalham em agências de notícia. Essa oferta tem crescido muito nos últimos anos propiciada pela tecnologia digital, que permitiu que os recursos de captação de imagens se tornassem mais baratos e fossem disponibilizados em larga escala e em diferentes plataformas (celulares, câmeras fotográficas digitais etc). E não foi apenas por esse motivo. Como bem destaca Wolton (p. 18, 2007), de nada adianta pensar em evolução tecnológica se por trás dela não se observar que existem pessoas e outras questões sociais envolvidas, tendo em vista que “as técnicas, é óbvio, evoluem mas isso não é suficiente para transformar as sociedades”. O referido autor ainda afirma que:

[...] se as técnicas são claramente o que há de mais espetacular, o essencial não está nisso, nem nas performances sempre sedutoras, mas na compreensão dos laços, em maior ou menor grau, contraditórios entre o sistema técnico, o modelo cultural e o projeto de organização da comunicação. São, sempre, estes três elementos que possibilitam compreender o estatuto da comunicação de uma época (WOLTON, p.15, 2007)

Foi a inquietação de buscar resposta para o fenômeno descrito anteriormente (do uso crescente de imagens captadas por mediadores públicos nos telejornais) que inspirou esse trabalho e outros já escritos sobre o tema por nosso *Grupo de Pesquisa de Jornalismo e Contemporaneidade*, da UFPE. Nos estudos anteriores, buscamos compreender algumas dimensões sobre o uso dessas imagens. Procuramos entender a relação entre a qualidade no telejornalismo e a utilização desses registros (SIQUEIRA, 2009) e também a ligação entre o lugar de referência ocupado pelo telejornalismo na sociedade brasileira e o que foi chamado, na época, de revolução das fontes (VIZEU; SIQUEIRA, 2010). Nesse último trabalho, discutimos o papel central ocupado pelo jornalismo televisivo na Brasil. Também propusemos, em outro artigo, o conceito de mediador público, como sendo formado por “cidadãs, e cidadãos bem informados, por formadores de opinião, pessoas de várias profissões, coprodutores da notícia, entre outros, dentro de suas singularidades e especificidades, evitando confusões entre conceitos como, por exemplo, atividade jornalista e a liberdade de comunicação e expressão” (VIZEU; ROCHA; SIQUEIRA, 2010).



O mediador público faz parte da audiência comunicativa e atua na coprodução das notícias. É mediador porque é integrante da audiência, mas também é coprodutor pois participa de maneira, cada vez mais efetiva, com o envio de imagens aos telejornais, contribuindo com o trabalho dos jornalistas televisivos durante a construção da notícia.

Para realizar este artigo, procuramos avançar, de certa forma, em relação aos estudos anteriores. Para isso, decidimos realizar um estudo de caso⁴ para analisar em que contexto os jornalistas de um dos telejornais de maior audiência do país utilizam as imagens captadas pelo público, levando em consideração o que foi citado anteriormente sobre Bourdieu (1997), a respeito da lógica profissional dos Jornalistas, que selecionam e enquadram as realidades do cotidiano em função de categorias.

O telejornal escolhido para este estudo foi o Jornal Hoje (JH), que é exibido de segunda a sábado, a partir de uma hora e quinze minutos da tarde. O programa é veiculado, em todo país, pela Rede Globo, e possui como característica a apresentação de notícias factuais (principalmente, aquelas que ocorreram ao longo da madrugada e da manhã, no Brasil e no mundo) e também mostra assuntos de atualidade, que podem ser exibidos naquele dia ou nas edições seguintes, sem problema ou prejuízo de informação. O perfil editorial das reportagens de atualidade do JH está centrado, geralmente, em assuntos de moda, comportamento, cultura, turismo, saúde, culinária, empregos e finanças pessoais. Para a apresentação desses conteúdos, geralmente, são criados quadros especiais, como: “Cabine do JH”, “Tô de folga”, “Dicas Domésticas”, “Mercado de Trabalho”, “Vai dar o que falar”, “Crônicas de NY”, “Hoje em forma”, “Hoje em casa”, “Minha história” e etc. Em função disso, na própria página do JH no portal da Rede Globo G1 (2011), o programa é definido como um “telejornal-revista”, pelo formato diferenciado de apresentação das notícias.

O JH foi criado em 1971. É, portanto, um dos telejornais mais antigos da Globo. No começo, era exibido apenas para o Rio de Janeiro, mas foi só a partir de 1974 que passou a ser veiculado para todo país (G1, 2011).

Com a finalidade de se analisar o uso das imagens captadas pelos mediadores públicos, no referido telejornal, optamos por restringir o período da pesquisa. Os telejornais foram gravados do dia trinta de maio de 2011 ao dia quatro de junho de 2011. Dentro dessas

⁴ De acordo com Yin (p. 32, 2001), “o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto de vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente, onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas”.



datas, não houve nenhum fato que alterou as rotinas produtivas ou que tenha ocupado mais espaço no telejornal do que o de costume.

Além da gravação dos telejornais, estabelecemos os seguintes critérios para atingirmos o objetivo de compreender em que contexto as imagens dos mediadores públicos foram utilizadas: formato da notícia (reportagem ou nota coberta); contextualização (se foram inseridas de forma isoladas ou acompanhadas de outros elementos jornalísticos, como: sonoras, imagens feitas pela equipe de reportagem da emissora ou das afiliadas etc); a temática do registro (factual ou de atualidade) e o destaque dado na edição. Após a definição desses critérios e da gravação dos telejornais, as reportagens ou notas cobertas que usaram cenas feitas por mediadores públicos foram analisadas e descritas.

Entendemos, aqui, que a reportagem não precisa necessariamente da figura do repórter no vídeo nem da voz do mesmo. Pode ser construída por meio de sonoras, apoiadas pelo uso também do áudio captado no local do fato e por imagens. A nota coberta, por sua vez, é compreendida como “o formato mais simples de notícias com imagens na TV” (REZENDE, p. 152, 2000), pois utiliza a narração paralela ao uso de imagens. Esses dois formatos foram escolhidos como critérios de análise, pois são os mais utilizados para exibir as cenas produzidas pelos mediadores públicos e também não foram identificados outros formatos de notícia, no JH, onde tenham sido inseridas essas imagens no período.

A duração dos registros foi observada para se compreender o espaço destinado pelos jornalistas do telejornal a essas imagens captadas por pessoas de fora da equipe. Optamos por estudar a temática do registro, para identificar a natureza dessas cenas, ou seja, se elas poderiam ser enquadradas dentro dos temas considerados factuais, “que aconteceram depois da última edição do jornal – e têm necessidade urgente de publicação” (BONNER, 2009) ou se fazem parte dos temas de atualidade, tendo em vista que

não ocorreram apenas desde a última edição, mas têm ocorrido, estão ocorrendo, e que podem ser publicados hoje, como poderiam ter sido divulgados ontem, e não perderiam sentido se fossem exibidos amanhã ou depois porque são atuais, mas não urgentes (BONNER, 2009).



O Jornal Hoje e o uso das imagens captadas pelos mediadores públicos

Durante a análise, identificamos seis registros distintos captados por pessoas que não fazem parte das equipes de reportagem. Levamos em consideração os seguintes critérios para definir o que foi ou não captado por mediadores públicos: se foi usado o crédito de cinegrafista amador por cima das imagens e/ou se o repórter ou o apresentador informaram, no texto e/ou na apresentação da notícia, que as cenas tinham sido feitas por pessoas que não pertenciam às equipes de reportagens. A prática de se utilizar a expressão “cinegrafista amador” tanto no texto quanto no vídeo é muito comum no telejornalismo. É uma forma de indicar que aquelas imagens não foram feitas por cinegrafistas da emissora nem de empresas contratadas.

Ao todo, foram duas horas, trinta e três minutos e trinta e cinco segundos de telejornal gravado, o que representa, que na semana escolhida para análise, o Jornal Hoje teve em média, diariamente, cerca de, vinte e cinco minutos de duração.

No primeiro dia observado, trinta de maio de 2011, foram identificadas imagens captadas por dois mediadores públicos, exibidas em momentos distintos do telejornal. A primeira reportagem onde as cenas foram inseridas foi sobre uma denúncia de falta de atendimento na área de saúde: um motociclista que sofreu um acidente e foi transferido de um hospital para outro, na Paraíba. As imagens mostraram a peregrinação e o sofrimento da família da vítima. Na cabeça, como são chamadas as informações faladas, no estúdio, antes da reprodução da reportagem, os apresentadores Evaristo Costa e Sandra Annenberg deixaram claro que as imagens foram registradas por meio de um celular, por um taxista, que acompanhou toda angústia dos parentes. A reportagem teve, ao todo, um minuto e três segundos de duração. Desses, vinte e seis segundos foram, exclusivamente, de imagens feitas pelo taxista, ou seja, quase, metade da reportagem. Nela, os editores do JH em nenhum momento utilizaram off (texto lido pelo repórter e coberto por imagens). A notícia foi estruturada usando apenas os diálogos captados pelo taxista, informações gráficas na forma de texto para destacar qual era o hospital mostrado e também algumas imagens e entrevistas feitas, posteriormente, pela equipe de reportagem da afiliada da Rede Globo, na Paraíba.

A reportagem começa com a fala de uma mulher, que está perto da ambulância. Ela diz: “Não tem cirurgião aqui”. Em seguida, a ambulância aparece sendo fechada e um homem fala: “Isso é revoltante, o cabra morrendo... Isso é um absurdo”. Depois, são veiculadas imagens feitas pela equipe de reportagem com a entrevista da Tenente Desirré Souza, do Corpo de Bombeiros. Ela relata o problema que os bombeiros



enfrentam, diariamente, no atendimento das vítimas de acidentes, nos hospitais. E é exibido outro trecho gravado pelo taxista, onde é possível escutar uma mulher, que diz: “Interna onde for”. Outra, que não está em quadro, responde: “Vou levar pra onde?”. A primeira volta a falar novamente: “Não pode entrar, não, é?”. A equipe de reportagem entrevista o irmão da vítima que relata tudo o que aconteceu. Depois disso, é mostrado o terceiro trecho de conversas captadas pelo taxista. Uma mulher que é parente do paciente pergunta: “E depois volta pra cá, é?”, outra que está perto reclama: “É. Fazer o quê?” e um homem, que parece ser funcionário do hospital, responde para as duas: “O médico sabe. Faça o que a gente diz”. Na cena seguinte, com o paciente ao fundo, dentro da ambulância, a mulher que participou de todos os diálogos está desesperada. Ela fala com alguém que está por perto: “Espera mais não, mulher, chama alguém, por favor” e em seguida, chora bastante. Na última imagem da reportagem aparece o paciente sendo levado, às pressas, para dentro do hospital. Uma testemunha, que possivelmente é o taxista, diz: “Depois que o paciente tá morrendo, agora tem pressa”. O desfecho da história é relatado no fim, por meio de uma notapê, como é chamada a informação complementar lida pelos apresentadores no estúdio. Sandra e Evaristo contam que o caso será investigado e que o motociclista morreu.

No mesmo dia, também foram exibidas outras três cenas captadas por outro mediador público identificado como *cinigrafista amador*, tanto no crédito quanto no texto lido pela apresentadora da previsão do tempo, Michelle Loreto. Ao todo, são nove segundos de imagem, onde é possível ver a força das ondas, no litoral do Rio de Janeiro, e a tampa de um bueiro sendo lançada para o alto pela água.

No dia trinta e um de maio de 2011, não houve a participação de mediadores públicos no telejornal. No dia seguinte, primeiro de junho, sim. Um reportagem contou com imagens captadas durante um casamento, onde o noivo não sabia que ia casar e foi surpreendido. A reportagem possui, ao todo, dois minutos e doze segundos, sendo que um minuto e três segundos são apenas de cenas feitas por uma pessoa que presenciou a cerimônia. O primeiro trecho da reportagem mostra o local do casamento, a chegada dos convidados e o momento em que o pastor se aproxima e surpreende o noivo. É uma espécie de resumo. Em seguida, aparece a repórter, que conta como tudo começou. É mostrado o convite de casamento falso, que foi usado para enganar o noivo e também as sonoras, gravadas pela equipe de reportagem, com a noiva verdadeira e com a noiva falsa (amiga da família, que teve o nome impresso no convite). Voltam a ser exibidas imagens do casamento captadas pelo mediador público, onde aparece o noivo entrando



como padrinho, depois ele no altar, o beijo do casal, a comemoração e os convidados. A imagem do noivo no casamento volta a ser repetida durante a entrevista dele. É possível perceber, claramente, que a equipe da Rede Globo não estava presente na celebração. A história precisou ser recontada pelas pessoas que participaram dela, pois todas as falas foram marcadas pela produção do telejornal e gravadas dias após o casamento.

No dia dois de junho, não foram utilizadas cenas de mediadores públicos. No entanto, no dia três de junho, foram identificadas imagens feitas por três mediadores públicos diferentes. Os dois primeiros registros foram utilizados em uma reportagem de dois minutos e seis segundos sobre ladrões atrapalhados, que acabaram presos durante a prática de crimes. No primeiro off, de nove segundos, foram usadas quatro fotografias feitas por uma pessoa que presenciou a situação constrangedora de um homem preso a uma chaminé depois de tentar roubar uma padaria, em Bauru, em São Paulo. O bandido precisou ser retirado pelos bombeiros, com a ajuda de um guindaste. O fotógrafo foi entrevistado pela equipe de reportagem para relatar o que viu. Em outro momento, no fim da reportagem, o repórter mostra outra situação. Ele diz que um “cinegráfista amador”, também registrou, em Salvador, um ladrão que tentou roubar os fios dos postes de iluminação pública. Nos dez segundos de imagens, é possível ver o homem preso à fiação e o resgate feito pelos bombeiros.

No mesmo dia, também foi exibida uma reportagem com dois minutos e quarenta segundos sobre um estudante que está com câncer no cérebro e que descobriu, ao voltar do tratamento de quimioterapia, que os colegas e professores da escola raspam o cabelo, em solidariedade. As cenas captadas pelo mediador público foram exibidas no começo da reportagem e possuem treze segundos de duração. Mostram o momento em que os alunos estão em uma barbearia. Uma menina aparece ao fundo, com uma câmera fotográfica, registrando uma imagem. Pelo reflexo do espelho, é possível também identificar o autor de uma das cenas: um colega do aluno com câncer. Pelo som e pelas imagens, percebemos nitidamente que todos estão se divertindo enquanto raspam o cabelo. A reportagem segue com cenas e entrevistas feitas, no colégio, pela equipe de reportagem, com os estudantes já de cabelo raspado. Eles, o jovem em tratamento contra o câncer e os professores foram entrevistados pela repórter.

No último dia analisado do telejornal, quatro de junho de 2011, não foram utilizadas cenas de mediadores públicos.



Considerações finais

Por meio do estudo das edições do JH, constatamos que, no período escolhido para análise, os registrados feitos pelos mediadores públicos tiveram destaque. Dos seis momentos mostrados, quatro (denúncia de falta de atendimento, casamento, homem preso na chaminé e estudantes que raspam o cabelo) foram utilizados também na escalada, onde são chamadas as principais notícias e fatos da edição.

Em relação a temática, observamos que as situações mostradas pelos mediadores públicos, pelo JH, foram, na maioria, de atualidade. O casamento não tinha acontecido naquele dia nem no anterior, a homenagem dos estudantes também não era factual e os bandidos atrapalhados não foram presos naquela data, pois foi reunida uma série de exemplos de todo país. Já a imagem da previsão do tempo e a denúncia de falta de atendimento eram factuais e teriam que ser descartadas se não fossem exibidas naquele dia.

Quanto ao formato, há de se ressaltar que a opção pela reportagem prevaleceu. Só a previsão do tempo foi exibida como nota coberta. Com exceção da denúncia de falta de atendimento, as demais reportagens tiveram duração que variou de dois a quase três minutos, o que na rotina do telejornalismo é considerado um tempo grande, pois o normal é que as reportagens tenham menos de um minuto e meio. As imagens dos mediadores públicos não foram utilizadas durante o tempo todo, mas foram essenciais para o processo de construção das notícias.

O que também chamou atenção foi que, de todos os registros, apenas as cenas do homem preso aos fios da rede de energia elétrica, em Salvador, não contaram com o apoio de imagens e de depoimentos de testemunhas do fato ilustrado. As demais vieram acompanhadas de outras imagens e/ou entrevistas, captadas por equipes de reportagem da Rede Globo ou de emissoras afiliadas. Até mesmo a imagem usada na previsão do tempo veio precedida de outras cenas da ressaca no mar do Rio de Janeiro feitas pelos profissionais de jornalismo da TV Globo.

Percebemos que, na maioria dos casos, houve um cuidado por parte dos jornalistas do telejornal de não limitar a notícia ao registro do mediador público. Houve cuidado no momento da apuração e edição, tendo em vista que foram buscados elementos e depoimentos que agregassem informação às histórias relatadas. Isso pode ser identificado, de certa maneira, como uma espécie de tentativa de atestar para a audiência que aquela imagem que não foi captada pela equipe não é uma montagem, tem validade e é de um fato que aconteceu. Constatamos, portanto, que as cenas



deixaram de ser um mero registro (se um dia o foram), para serem transformadas em algo mais elaborado, checado, apurado, validado, com mais profundidade se comparadas com o material original que chegou até a emissora. As imagens dos jovens raspando o cabelo, por exemplo, não teriam o mesmo impacto, como notícia, sem os depoimentos das pessoas e sem as histórias que foram contadas. Da mesma forma, o casamento e a denúncia da falta de atendimento médico. A cena do bandido na chaminé também não teria a mesma força sem o relato do fotógrafo que descreveu a humilhação enfrentada pelo ladrão.

Há ainda muito que se avançar nos estudos sobre os mediadores públicos. A oferta dessas imagens é crescente nos telejornais, basta ver que não foi preciso um longo período de gravação e análise. Em apenas uma semana, foram identificados seis registros, isso sem contar com os que, provavelmente, foram descartados editores do JH nessa época, pois a oferta é constante, via internet, pelo portal da Globo, o G1.

Pretendemos seguir com outros estudos sobre esse tema. O enfoque estará voltado, no entanto, para as mudanças que essa relação entre os mediadores públicos e os jornalistas tem provocado nas rotinas produtivas dos telejornais.

Referências

- BONNER, William. **Jornal Nacional**: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P., WACQUANT, L. **Uma invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2005.
- G1. Jornal Hoje. Disponível em: <<http://www.g1.com.br/jh>>. Acesso em: 05 jun. 2011.
- MEDITSCH, E. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, M, SILVEIRA FONSECA, V. P. da. **Jornalismo e acontecimento** : mapeamentos críticos. Editora Insular: Florianópolis, 2010.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.
- SAPERAS, E. **Efeitos cognitivos da comunicação de massa**. Lisboa: ASA, 1993.
- SCOLARI, C. A. A construção de mundos possíveis se tornou um processo coletivo. **Matrizes**, São Paulo, nº 2 – Ano 4, p.127-136, jan.-jun. de 2011.
- SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. A relação entre as imagens captadas pelo telespectador e a



qualidade. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2009. 1 CD-ROM

TUCHMANN, G. **La producción de la noticia**: estudo sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gili, 1983.

VIZEU, Alfredo; SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. O telejornalismo: o lugar de referência e a revolução das fontes. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

_____, Alfredo; ROCHA, Heitor; SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. Telejornalismo: da audiência presumida aos co-produtores da notícia. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2010, Caxias do Sul. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2010. 1 CD-ROM

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina, 2007.